

## Das Margens do Índico

Estivemos em Maputo, capital de Moçambique, no IX Encontro da Associação de Universidades de Língua Portuguesa (AULP). De 13 a 16 de Abril e com representantes de 133 instituições de ensino superior de países de língua portuguesa, encontraram-se professores, reitores, investigadores do Brasil, Portugal, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Angola, Moçambique e S.Tomé e Príncipe.

Joaquim Chissano, deu-nos as boas-vindas no Concelho Municipal da cidade, fazendo votos para que no próximo encontro possa haver representantes da República de Timor-Leste. A sua presença impressiona pela simplicidade e simpatia. Três veículos acompanharam o Presidente de Moçambique, uma escolta em que vimos dois batedores da polícia, nenhuma arma à vista dos presentes. Foi com efectivo respeito que as pessoas se levantaram quando esse homem simples entrou na sala. O então presidente da AULP, dirigindo-se-lhe, chamou-lhe "Professor". Admirados perguntámos a colegas moçambicanos se Joaquim Chissano é ou foi professor; pensávamos que fosse Marechal. Riram-se e responderam que Chissano é General; Marechal foi Samora Machel. Quando discursou, o Presidente da República de Moçambique não se referiu ao incrível engano. Ignorou-o.

A luta pela independência surgiu com a criação da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), em 1962, cujo primeiro dirigente foi Eduardo Mondlane tendo a campanha armada começado em 1964. A PIDE, viria a assassinar Eduardo Mondlane, que seria assim substituído por Samora Moisés Machel.

Moçambique faz fronteira com a Tanzânia, Malawi, Zâmbia, Zimbabwe, África do Sul e Suazilândia, numa área total de 784 090 Km<sup>2</sup>. Tem excelentes recursos naturais, dispõe de uma das maiores barragens do Mundo, Cahora Bassa, que criou um imenso lago, além de pertencer a Moçambique parte do lago Niassa, outra imensa área de água doce. O País dispõe de bons portos como Maputo e Beira. O rio Zambeze é o 4º maior da África, sendo ainda de destacar o Rovuma e o Limpopo. Existem importantes reservas de diamantes, ouro, urânio, tantalite, berílio, ferro, carvão, grafite, titânio, bauxite, cobre e gás natural.(1)

A população moçambicana é hoje constituída por cerca de 16 milhões de habitantes. Destes, 3% são asiáticos e brancos, sendo os restantes negros. Em termos religiosos 60% são praticantes de religiões africanas, 30% são cristãos e 10% são muçulmanos.

Os professores, não podem deixar de ficar impressionados com os esforços que estão a ser feitos no campo da educação. O País tem duas universidades estatais (a Eduardo Mondlane e a Universidade Pedagógica), e vários estabelecimentos de ensino privado, desde jardins de infância à Universidade Católica que funciona na Beira.

O regime marxista-leninista de Samora Moisés Machel, primeiro Presidente da República, fracassou. Em 1986 Samora Machel morreu num acidente de aviação. Uma guerra civil (1977 a 1992) custou 1 milhão de mortos e 2 milhões de refugiados. (2) Em 1989 a FRELIMO decidiu abandonar o marxismo.(3) Foi assinado um acordo de paz com a RENAMO (Resistência Nacional de Moçambique), liderada por Afonso Dhlakama. Em 1994 houve eleições, ganhas pela FRELIMO com 51% dos votos. A RENAMO teve 33% dos votos, havendo ainda a registar 4% para outro partido, a União Democrática.

Estima-se que 90% da população viva abaixo da linha de pobreza; Moçambique depende da ajuda internacional para se desenvolver. "Um dos maiores problemas que Moçambique enfrenta é a existência avaliada em 3 milhões de minas(...) Centenas de pontes, destruídas durante a guerra, estão a ser reconstruídas aos poucos."(4) É de notar que as pessoas em geral são extremamente acolhedoras em relação aos portugueses podendo verificar-se que as feridas da guerra acabaram.

Segundo dados do Governo, 50% de desemprego, a dívida externa (4 biliões de dólares), a necessidade de reconstrução e a constante presença da malária persistem. A construção civil está parada. A agricultura é quase inexistente. A mortalidade infantil é das maiores do mundo, a esperança de vida é das menores, o salário mínimo proposto para este ano será cerca de 40 dólares mensais.

O português tem grande vitalidade pois é usado como factor de unidade nacional. A língua colonial pode ser usada desta forma. Em Moçambique vê-se a RTP África, existindo ainda a TVM, a TPA (Angola) e a TV Record "Miramar" pertença da IURD. Os jornais, revistas, ensino e repartições públicas utilizam a língua portuguesa.

Assiste-se hoje à construção de uma sociedade multi-racial; a segregação com base na cor da pele não existe. A independência de Moçambique era fatal e normal. Tão natural como a independência de Portugal. Não teria sido necessária a retirada quase total dos portugueses de Moçambique - desde que aceitassem a independência do País.

Salazar disse: "Não creio no sufrágio universal, porque o voto individual não tem em conta a diferenciação humana. Os homens, na minha opinião, devem ser iguais perante a lei, mas considero perigoso atribuir a todos os mesmos direitos políticos." (5) A eleição do Reitor da Universidade Eduardo Mondlane, Brazão Mazula, como presidente da AULP mostra o reconhecimento da qualidade do trabalho dos colegas moçambicanos e prova que é possível desenvolver a cooperação no âmbito da CPLP. Se Moçambique tiver Paz encontrará por certo o caminho ainda difícil do desenvolvimento social e humano. A afabilidade do Povo, o ambiente de liberdade (imprensa incluída), as qualidades humanas dos dirigentes políticos, são motivos para expressarmos aos colegas da Universidade Eduardo Mondlane votos de sucesso e agradecimento pela forma fraterna como nos receberam.

**Carlos Alberto Mota e Maria Gabriel Cruz**

UTAD, Vila Real.

**Notas:**

- (1) Enciclopédia Grolier 1999, artigo sobre Moçambique, edição em CD-ROM.
- (2) Enciclopédia Britânica, 1999, artigo sobre Moçambique edição em CD-ROM, .
- (3) V Congresso da FRELIMO , Julho de 1989.
- (4) As Nações do Mundo, separata do jornal Público, Lisboa, 1999, artigo referente a Moçambique.
- (5) Entrevista concedida por Sua Excelência O Presidente do Conselho ao jornalista Serge Groussard e publicada no jornal "Le Figaro", Lisboa, SNI, 1958, p.37.